

**Aspectos da Transmissão Psíquica Sobre o Desejo de Ter Filhos: Um Estudo Teórico**

***Aspects of Psychic Transmission Over the Desire for Having Children: A Theoretical Study***

Jaqueline da Silva Moraes<sup>2</sup>

**Resumo**

O presente trabalho tem como objetivo realizar um estudo teórico sobre as influências da transmissão psíquica sobre o desejo de filhos para homens e mulheres. Para tanto, realizou-se um levantamento da literatura sobre o tema, com base na abordagem psicanalítica e contribuições de autores sistêmicos, levando em consideração as crenças inconscientes, construção da subjetividade, aspectos geracionais, motivações para a parentalidade. Constata-se que as motivações referentes ao desejo de filhos são diferentes para cada sujeito e contexto avaliado, e que a transmissão de uma herança geracional pode ser considerada um aspecto importante para a transição à parentalidade. Observa-se uma escassez de estudos que relacionam a figura masculina e o desejo de filhos, tal fato indica a necessidade de pesquisas que abordem o desejo de ter filhos no homem. Conclui-se que a transmissão psíquica influencia na construção das subjetividades individuais, assim como a interferência de padrões culturais e sociais. Portanto, o espaço terapêutico familiar deve propiciar transformações frente ao legado geracional, para a constituição de uma nova singularidade e identidade.

*Palavras-chave:* filhos, transmissão, parentalidade, crenças inconscientes

---

<sup>2</sup> Doutoranda em Psicologia Clínica pela PUC-Rio. Mestre em Psicologia Clínica pela PUC-Rio. Especialista em Psicoterapia de Família e Casal. Membro do Laboratório de Estudos em Família e Casal (LefaC).

## **Abstract**

The present work aims at performing a theoretical study on the influences of psychic transmission over the desire for having children for men and women. For such, a bibliographic assessment about the theme was performed, based on the psychoanalytical approach and contributions from systemic authors, taking unconscious beliefs, construction of subjectiveness, generational aspects, and both paternity and maternity motivations into consideration. It is realized that the motivations related to the desire for having children are different for each subject and context which were assessed, and that the transmission of a generational heritage may be considered an important aspect for the transition into parenthood. A lack of works which relate the masculine figure to the desire for having children is observed, and such fact indicates a need for research on the desire for having children in men. The conclusion is that psychic transmission influences the construction of individual subjectivities, as well as the interference of cultural and social patterns. Therefore, the family therapeutic space must provide transformations in the face of the generational legacy, for the constitution of a new singularity and identity.

*Keywords:* children, transmission, parenting, unconscious beliefs

## **Introdução**

No cenário atual, a sociedade sofre constantemente com transformações no contexto político, cultural e econômico, que interferem diretamente na dinâmica das relações pessoais e na construção de papéis familiares. A transição de um modelo tradicional, baseado em funções diferentes e rígidas para homens e mulheres, para um novo modelo em que esses papéis são flexíveis e transitórios demarca uma nova organização familiar. Ambos os gêneros socialmente construídos são produtos de uma teia de significações tecidas pela sociedade.

Na antiguidade, as relações entre os membros familiares eram distantes e impessoais, as funções eram rigidamente demarcadas, a mulher exercia seu papel com subserviência e passividade que legitimava o poder arbitrário da figura paterna. A autoridade soberana do pai prevalecia inquestionável, pelos membros da família e pela sociedade, até o enfraquecimento

do patriarcado. Na família contemporânea, a função paterna vem tomando destaque devido ao crescimento no número de pais que se ocupam dos cuidados com os filhos. Este exercício da paternidade mais ativa contribui para um estreitamento no vínculo entre pai e filho e para esmaecimento do modelo tradicional de pai autoritário e distante (Jablonski, 2010). Diante dessa nova realidade, se percebe constantes transformações no casamento e nas questões de gênero.

Compreendemos que a transição da conjugalidade para a parentalidade é uma das mais relevantes transformações que podem acontecer para o casal, e esse momento é caracterizado por desafios, responsabilidades e conflitos, divididos pelo, agora, casal parental (Grizólio, Scorsolini-Comin & Santos, 2015). Contudo, o desejo de filhos é vivenciado de forma distinta entre homens e mulheres, e se atendo à perspectiva de cada um, pretendemos estudar como a transmissão psíquica geracional influencia esse desejo. Cabe elucidar que, no presente estudo, quando apresentamos o desejo de filhos, consideramos a perspectiva teórica da psicanálise, que articula a noção de “desejo” como aquilo que remete o sujeito a algo que lhe falta (Kaufmann, 1996).

Freud (1996/1914) discorre sobre os significantes presentes no processo de transmissão em que “sua majestade o bebê” é a criança imaginada e revestida de expectativas, sonhos e desejos frustrados dos pais, momento crucial, em que o sujeito deve deixar o lugar de herdeiro depositário das demandas de seus predecessores e se apropriar do seu desejo no processo de subjetivação. O psicanalista teoriza sobre os aspectos psíquicos dos pais diante do nascimento de um filho, em que a criança desempenha uma função “reparadora” da ferida narcísica e da recuperação do narcisismo primário dos pais. Alguns autores afirmam que o desejo de parentalidade reatualiza as fantasias infantis e as vivências com o cuidador primário (Zornig, 2010, Freud, 1996/1914, Brazelton, 1992).

A partir de tais considerações, realizamos um estudo sobre alguns conceitos teóricos – motivação, crenças inconscientes e a representação psíquica dos filhos para homens e mulheres – e elaboramos reflexões sobre o tema, adotando a abordagem psicanalítica e contribuições de autores sistêmicos e sociais. Motivação é um conceito amplamente usado

dentro da psicologia e, para melhor compreensão do nosso trabalho, definiremos as motivações como aspectos psicológicos ou disposições latentes que percebem de modo favorável ou desfavorável ter ou não ter filhos (Miller, Severy & Pasta, 2004). Desse modo, a motivação atua como força motriz por trás da intenção reprodutiva, e só adquire um caráter energizante quando interposta pelos aspectos psicológicos e comportamentais (Varas & Borsa, 2021).

O entendimento de um fenômeno tão complexo e crescente na atualidade confirma a importância do presente estudo. Cabe ressaltar que a configuração familiar contemplada no trabalho é a heteroparental, entretanto não podemos desconsiderar os diversos arranjos familiares existentes no contexto contemporâneo. Assim como não podemos rejeitar os elementos culturais, econômicos, étnicos e educacionais que interferem nas decisões reprodutivas de diferentes homens e mulheres ao redor do mundo (Lima, 2013). Assim, observa-se uma nova demanda sobre esse tema direcionada aos profissionais inseridos na área clínica, de modo que se torna necessário uma melhor compreensão do papel da transmissão psíquica geracional e das crenças inconscientes sobre o desejo de ter filhos do casal.

### **Transmissão e Construção da Subjetividade**

Segundo a psicanálise de família e casal, o espaço familiar é o lugar que possibilita a constituição do sujeito e sua subjetividade, por meio da transmissão. Diante disso entendemos que é na dinâmica familiar que acontece a troca entre os membros e influências que vão atravessar gerações. Brunshwig (1997) enfatiza que não existimos sem a transmissão, ela tem a função de nos demarcar como sujeito e age como referencial da nossa origem. Assim, podemos distinguir dois tipos de transmissão, a intergeracional e a transgeracional. O primeiro tipo compreende elementos da metabolização do material psíquico passado para a geração próxima, que transformado passa à seguinte. Dessa forma, a transmissão psíquica institui a “herança positiva” da filiação (Correa, 2000). Por meio da transmissão, se mantém a continuidade narcísica e se assegura os vínculos familiares. Podemos compreender o

processo de transmissão intergeracional por meio de dois vieses, um por meio do psiquismo, e outro que perpassa pela cultura. A intergeracionalidade implica reciprocidade e se refere à transmissão direta de padrões familiares passados por gerações, em dois sentidos, ascendente e descendente, seja por conteúdos verbais, seja por não verbais (Boszormenyi-Nagy, 1973/2008; Golse, 2003).

Na perspectiva psicanalítica, a transmissão psíquica acontece por meio de conteúdos mentais e manifestações inconscientes passadas por gerações por meio do psiquismo. Os processos de transmissão solicitam um importante trabalho psíquico no qual participam mecanismos de identificação ligados a mecanismos de defesas, como as projeções e introjeções. Para Anzieu (1993), torna-se fundamental o olhar amplo sobre os ancestrais que precederam o sujeito – mesmos que esses estejam ausentes, estão vivos nos discursos e figuras que os familiares revivem por meio das narrativas.

Diferentemente do primeiro conceito, temos o segundo tipo de transmissão, a transgeracional, na qual o conteúdo transmitido não pode ser modificado, nem elaborado, isto é, não pode se beneficiar de transformações que permitam sua integração psíquica (Granjon, 2000). Os discursos familiares atuam como suporte da transmissão e se não elaborados propiciam a organização de um tecido vincular com sintomas e questões psicossomáticas, muitas vezes identificados em casais e famílias que buscam por psicoterapia.

O segredo familiar é constituído por acontecimentos reais, por vezes de cunho traumático, ocultados por vergonha, medo, culpa (Melo, Magalhães & Féres-Carneiro, 2014). No grupo familiar, o segredo encontra um terreno fértil para crescer, e assim ser partilhado pelos familiares e transmitidos para outras gerações. Para as pesquisadoras, o segredo, em muitos casos, adquire uma função estruturante e de manutenção dos vínculos familiares, de modo que a iminência de serem desvelados mobiliza sentimentos angustiantes e sensação de aniquilamento entre os familiares. Segundo Féres-Carneiro (1996), quando existe um segredo familiar e um membro o confronta, a conduta dos demais muda em relação ao que foi ocultado, sendo assim, a trama é rompida e novos eventos e fantasias surgem. Portanto, o que fica oculto na transmissão se constitui como fissuras no sistema, e atravessa gerações na

dimensão transgeracional. Esse processo do que não pode ser transmitido se apresenta no psiquismo dos pais e é depositado no psiquismo da criança, como lutos não elaborados, vergonha, objetos recalçados, faltas que não foram suportadas.

Logo, o não dito nem nomeado se cristaliza. Abraham e Torok (1995) apresentam o conceito de “a Cripta” como a consequência do segredo velado, não verbalizado, que se torna incapaz de ser elaborado. A cripta seria o “enterro intrapsíquico” de uma experiência vivenciada com vergonha, resultado da consequência de um segredo inconfessável. O mito, semelhante ao segredo, possui um papel muitas vezes organizador do sistema, de quem preestabelece as relações que serão construídas, e não necessariamente é dito, apesar de se fazer presente entre as gerações. Alguns autores apontam a consequência da transmissão do “não dito”, como Brunshwig (1997), que fala sobre as transmissões portadoras de problemas, que não puderam ser assimilados. Assim como Correa (2000), que aponta os “objetos transformáveis e não transformáveis” e as questões que permanecem veladas, assombrando o espaço familiar sem possibilidade de representação e simbolização. Nesta direção, os processos de transmissão, sejam transgeracionais ou intergeracionais, podem atuar como forças de ligação ou de desligamento, isto é, o legado herdado contribui na construção do sujeito, porém com a ameaça de alienação (Golse, 2003).

Pensando na transmissão psíquica, a ideia da parentalidade é transmitida por gerações, visando à continuidade da família e perpetuação dos genes. Badinter (2011) afirma que por muito tempo a escolha pela reprodução foi realizada para “garantir” o prolongamento da espécie e continuidade da família. Kaes (2001) traz uma relevante contribuição, ampliando o sentido de sujeito, anteriormente definido por Freud, para o sujeito “da herança”. O autor postula o conceito de aparelho psíquico grupal (APG) que contribui para a dinâmica familiar inconsciente como organizador intrapsíquico e sociocultural. Ele funciona como um espaço que agrega os integrantes do grupo e que se forma a partir dos aparelhos psíquicos individuais, constituindo um aparelho psíquico grupal. As manifestações dos processos grupais são compreendidas com três funções; a de transmissão do material psíquico que

circula entre as gerações e que vai ter o grupo como a base desse fenômeno, a vinculação entre os membros e os sistemas e a transformação psíquica inconsciente.

Nesse sentido, a motivação para o desejo de filhos perpassa também pelo desejo da família, como um legado transmitido por ela. A maneira como transmite depende da forma como vivenciaram as fantasias e fantasmas parentais. Desse modo, a motivação por filhos vem atrelada à ideia de reparação de questões primárias que poderão ser retificadas na relação mãe-bebê.

Ainda, nessas perspectivas psicanalíticas, a criança pode representar, para os pais, sonhos e realizações não alcançadas e a oportunidade de satisfação dos desejos adormecidos. O filho imaginário é constituído por introjeções e simboliza o ego-ideal dos pais. É na fantasia da onipotência do bebê que a mãe busca resgatar sua onipotência perdida e projeta expectativas e necessidades na criança idealizada para, enfim, serem satisfeitas. Brazelton e Cramer (1992) afirma que esses aspectos são necessários para a personificação e construção do psiquismo do bebê. É por meio do investimento de desejos e fantasias que ele passa a existir enquanto indivíduo. No entanto, as projeções devem dar espaço para que o bebê desenvolva uma singularidade e identidade desvinculada da mãe. O referido autor considera que o desejo de filhos perpassa motivações conscientes e inconscientes, nas quais se encontra o desejo subjetivo de garantir a própria continuidade e de se autoduplicar. Desse modo, os pais revivem relações antigas e podem vivenciar ilusoriamente o próprio passado livre dos antigos conflitos.

### ***Transmissão e Crenças Inconscientes***

No casamento ocorre um processo necessário de separação e individuação dos membros do casal com a família de origem, para que assim eles possam construir a identidade conjugal. Entretanto, é por meio do casamento que se faz possível a elaboração de questões originárias nos relacionamentos com os pais, reativadas muitas vezes no convívio conjugal. Nessa dinâmica de afastamento e aproximação, o casal vive um conflito entre a lealdade à sua família de origem e o sistema nuclear, de modo que para constituição da unidade conjugal é

fundamental a permissão dos pais, seja implícita, seja explícita (Borghetti, Lech & Martin, 2001). A “bênção” dos progenitores se faz necessária para que a relação possa existir sem o sentimento de deslealdade com a família de origem. Assim, os conteúdos transmitidos pelos familiares influenciam a forma de se constituir como marido e mulher, e as ideias de conceber o casamento. Segundo Walsh (2002), a construção de papéis é um processo que se estabelece ao longo dos anos, e ninguém chega à relação sem um sistema de crenças e expectativas. Neste sentido, estariam em jogo lealdades e legados que determinam o senso de pertencimento do casal à família de origem, e a necessidade de cumprir sua parte na “missão” que lhe foi atribuída.

Para Britton (1998), as crenças inconscientes têm significado específico para o casal – embora sejam crenças, elas residem nos fatos inconscientes até que seja possível serem desveladas e tornarem-se conscientes. A autora ressalta a quantidade de mentiras que teve que aceitar como verdade na sua infância e a natureza duvidosa que posteriormente baseou a construção de seus pensamentos. Compreendemos, no casal, que cada parceiro tem sua própria história acontecendo inconscientemente, que afeta o modo que um percebe e reage ao outro. As crenças inconscientes são como um estado de espírito fundamentalista que o indivíduo não precisa descobrir sobre o outro porque acredita que sabe a verdade. Nessa perspectiva, a curiosidade é a cura para uma crença inconsciente, uma vez presente a curiosidade, é possível o casal questionar e refletir sobre sua identidade, seus desejos, e sobre quem é o outro. Do contrário, a crença de não diferenciação com o parceiro acaba por diminuir a necessidade de descobri-lo, já que o conhece perfeitamente. Esse viés corresponde à crença de onipotência, própria da relação mãe-bebê, na qual a mãe está profundamente conectada com seu filho, de tal modo que reconhece suas demandas, sem que elas sejam verbalizadas.

Portanto, as crenças inconscientes podem ser transmitidas como ideias e atuar diretamente sobre o desejo de filhos nos casais. Entendendo que o tecido vincular do grupo familiar é constituído por alianças e pactos inconscientes, as crenças vão permear e assegurar

a continuidade das relações intersubjetivas e heranças que se pretendem transmitir. Trata-se de um acordo inconsciente que garante a autoconservação daquele sistema familiar.

O desejo de filhos pode ser compreendido como uma dívida simbólica, no sentido de retribuição do que recebeu da família de origem (Hurstel, 2006). Considerando a necessidade de compreender o desejo de filho como um aspecto particular do sujeito, buscamos diferenciá-lo para homens e mulheres.

### **Desejo de Maternidade**

“O que é ser mulher para você?” Tal questionamento nos permite compreender se o desejo de maternidade se relaciona com a construção da identidade feminina. Ao explicar o conceito de subjetividade, Guattari e Rolnik (1986) o define como algo fabricado, modelado, recebido e consumido pelo indivíduo no seu contexto social. De modo que a subjetividade não pode ser pensada sem a história e História de uma determinada época. Isso faz com que sejamos impelidos a pensar não na “mulher”, mas em “mulheres”, e a quais estamos nos referindo.

Para Kehl (2001), as mulheres passaram a existir a partir do significante da reprodução e do casamento. A psicanalista salienta que o significante mãe era o único que representava as mulheres, uma vez que excluídas do espaço público, e destituídas como sujeito de ação, se consolidariam na maternidade. Contudo, ao relacionarmos o fenômeno da maternidade e a mulher contemporânea, observamos muitas mudanças comparadas ao passado. A mulher passou a aspirar ao desenvolvimento da carreira e ao poder e prestígio conquistados por meio do trabalho, exercendo uma pluralidade de papéis e adquirindo autonomia dentro e fora do lar (Lopes, Dellazzana-zanon & Boeckel, 2014).

De modo consciente ou inconsciente, nenhuma escolha a respeito da maternidade pode estar livre da interferência da relação materno-filial (Safer, 1996). Tendo em vista essa questão, o desejo de maternidade se conecta a um traço hereditário consequente da identificação da filha com a mãe. Logo, a escolha por ter filhos não pode estar isenta da influência do vínculo inicial entre mãe e filha, uma vez que a relação entre ambas é permeada

de conflitos e ambivalências. Tornar-se mãe implica em transformações no psiquismo da mulher, assim, a maternidade permite o diálogo entre o objeto interno, que é o bebê simbólico que a mãe acredita ter sido na infância, e o objeto externo, representado pelo bebê real. A gravidez possibilita o desinvestimento gradual no bebê interno e o reconhecimento da alteridade do bebê externo (Brazelton & Cramer, 1992).

A transmissão da maternidade como dom natural é também passada entre gerações, internalizada pela menina desde a tenra infância, visto que a condução dos nossos desejos é herança da maneira que fomos socializados e ensinados. Portanto, se o mito da maternidade, como instinto inerente ao feminino, é consequência de entrecruzamentos da construção social e cultural, a possibilidade da sua desconstrução segue a mesma perspectiva.

### **Desejo de Paternidade**

Diante da busca de literatura sobre o desejo de ser pai, percebe-se que a maioria dos estudos fazem referência ao desejo feminino. Pesquisas sobre a relação mãe-bebê e sobre a construção da maternidade acabam por privilegiar essa relação, pouco abarcando o ponto de vista masculino. Badinter (2011), ao discutir essa questão, apresenta a psicanálise como grande contribuinte da propagação da importância da mãe na vida do bebê. Suas proposições teóricas divulgam a necessária devoção da mulher ao objeto de amor, qualificando a boa maternagem como aquela em que a mãe é continente das necessidades primárias do filho.

Na obra *A Paternidade*, Aberastury e Salas (1984) escrevem sobre as considerações que Freud faz sobre o pai e a mãe, apontando que a figura paterna é descrita por ele de forma esmaecida e a materna com uma figura real e concreta. No enfoque psicanalítico ao pai se atribuem três diferentes lugares – o adversário que pune, a imagem de referência e o objeto de escolha. A partir dessa perspectiva, buscamos compreender a construção do desejo de filhos no homem. No processo histórico, o feminino era o gênero detentor desse desejo, e prevalecia a concepção “útero-centrista”, porém com o estreitamento das relações entre pais e filhos, os homens passaram a se questionar sobre a manifestação desse desejo. Entretanto, Roudinesco (2003) aponta para um paradoxo, apesar da crença do rompimento de certos

padrões e da inclusão do homem no exercício da paternidade, a mulher ainda é a maior detentora do poder de escolha de procriação. Nessa relação, o homem pode ser descartado, excluído e substituído diante da autonomia feminina.

Garcia (2001) aponta que esse desejo de filhos é herdado da mãe, de modo que ela que irá transmitir para seu filho o desejo pela descendência. Porém, ainda que tornar-se pai seja consequência de um desejo referente à função parental resultante de uma transmissão materna, deve-se considerar que a construção desse desejo depende da constituição psíquica de cada membro do casal. Diante disso, podemos compreender o desejo de filhos de duas maneiras, pela transmissão materna, vinculada ao desejo que o filho se torne pai, e relacionada à identificação com a figura do pai. Ambas as dimensões estão ligadas, pois o que se enseja dos pais é a transmissão do desejo identificatório e o investimento na criança enquanto sujeito autônomo. Para que isso seja possível, é necessária a vinculação com esse bebê, lhe atribuindo características que o personifiquem para melhor se relacionar com ele. Alguns dos futuros atributos das crianças estão associados com a personalidade dos progenitores ou de algum familiar próximo, que ocupe um lugar especial para o casal (Brazelton & Cramer, 1992). Segundo os autores, são os desejos narcisistas dirigidos ao bebê que permitem acionar o apego primordial e fundamental para vinculação e construção do psiquismo da criança. São as fantasias que permeiam a imaginação dos pais que estreitam a relação entre eles, colocando o bebê em um lugar importante e idealizado.

### **Considerações Finais**

Desde o início, a terapia familiar se vale de conceitos oriundos da psicanálise para fundamentar a compreensão do sujeito e das suas relações associadas ao seu contexto de desenvolvimento. Contudo, embora a abordagem psicanalítica tenha destacado o papel da família na constituição da subjetividade da criança, a ênfase sempre foi sobre os processos mentais inconscientes em detrimento das relações interpessoais. Assim, o grupo familiar se institui como uma rede complexa de relações em que circulam afetos e os vínculos intersubjetivos são estabelecidos. Nesse contexto, a transmissão psíquica tem a função

organizadora de possibilitar um espaço para o desenvolvimento da subjetividade e perpetuar a continuidade da geração. Compreendemos que, desde a infância, a criança é requerida a partilhar os enunciados dos seus ancestrais e desse modo assegurar a identidade familiar. Conforme anteriormente mencionado, a transmissão pode custar o adoecimento psíquico e somático dos sujeitos envolvidos, uma vez que os discursos poderão gerar conflitos internos e externos.

Os traços transmitidos podem ser crenças inconscientes, memórias, afetos que quando assumem aspecto patológico e sem elaboração podem ser vivenciados com sofrimento. As crenças inconscientes podem representar um aprisionamento do indivíduo e ter efeito alienante, como podem ser resultado de um processo de desenvolvimento da vida psíquica, incluindo elaboração e luto primário. Sendo assim, reconhecemos a importância desses aspectos na construção psíquica e intersubjetiva do sujeito.

Diante da questão levantada, conclui-se que a transmissão exerce uma grande interferência sobre o desejo de ter filhos, uma vez que esse fenômeno está presente e possui uma função determinante para a identidade grupal. O estudo permitiu a compreensão da transmissão do desejo de ter filhos, com mais detalhes entre gêneros e para o casal na transição para parentalidade. Entendemos que os pais transmitirão aos filhos conteúdos estabelecidos a partir do seu psiquismo estruturante. Desse modo, como a criança recebe estes enunciados e que fatores os fazem incorporá-los ou reinterpretá-los é que serão determinantes. No presente trabalho, objetivamos nos aprofundar na transmissão psíquica desse desejo, mas sabemos que existem outras formas de transmissão conscientes e manifestas, além de motivações sociais e biológicas que interferem nessa questão. Reconhecemos a interferência de padrões culturais e repetições familiares no modo de agir e pensar do casal, e quanto a rigidez dessas ideias impossibilita que ressignifiquem o que pensam sobre o casamento e sobre os papéis de gênero.

Portanto, a motivação para o desejo de filhos perpassa também pelo desejo da família e o conjunto de valores transmitidos por ela. A transmissão psíquica traz a possibilidade de reeditar questões subjetivas e a autorrealização por meio das realizações dos filhos. Além

disso, tornar-se pai e mãe pode ainda operar como tarefa que reforça o senso de pertencimento do sujeito àquela família, inscrita numa sociedade pró-natalidade, em que ter filhos é o esperado para aquele momento do ciclo vital. Assim, mais uma vez, se evidenciaria o legado familiar, que se configura nas expectativas transmitidas, mesmo que não verbalizadas, pelos membros do sistema.

Cabe ressaltar o papel fundamental da cultura diante dessas transmissões, que muitas vezes define como obrigatório determinados pensamentos e comportamentos. Neste sentido, traçar um caminho contrário ao esperado poderia representar uma ameaça à lealdade ao sistema.

Quanto às limitações deste estudo, cabe salientar a carência de pesquisas sobre esse tema voltadas para o masculino, o que nos faz refletir sobre a ainda precária relação do homem com a paternidade. Por meio da pesquisa, compreende-se que se mantém uma exclusão da figura masculina na decisão sobre o desejo de filhos, restringindo essa escolha às mulheres. O aprofundamento pode então ajudar a pensar as relações entre pais e filhos e a problematização da dicotomia pai-provedor e mãe-cuidadora. Considera-se também, como limitação deste trabalho, a ausência de vinhetas clínicas para ilustrar os conceitos nele apresentados.

A temática em questão oferecerá subsídios importantes para a clínica infantil e com famílias e casais, visto que a partir da infância dos pais se engendra a parentalidade, e o que eles transmitem influencia de forma involvidável a formação psíquica do indivíduo. Pode-se apontar a importância do desenvolvimento de pesquisas empíricas, no âmbito da transmissão psíquica e desejo de filhos. Observa-se uma nova demanda sobre esse tema direcionada aos profissionais inseridos na área clínica, de modo que se espera que o estudo traga reflexões que contribuam para o manejo terapêutico.

## Referências

- Aberastury, A., & Salas, E. (1984). *A Paternidade: Um enfoque psicanalítico*. Artes Médicas.
- Abraham, N., & Torok, M. (1995). *A casca e o núcleo*. Escuta.

- Anzieu, D. (1993). *O grupo e o inconsciente: O imaginário grupal*. Casa do Psicólogo.
- Badinter, E. (2011) *O conflito: A mulher e a mãe*. Record.
- Brazelton, B., & Cramer, B. (1992). *As primeiras relações*. Martins Fontes.
- Britton, R. (1998). *Belief and imagination: Exploration in psychoanalysis*. Routledge.
- Borghetti, R., Lech, M., & Martins, P. (2001). Casamentos e família de origem: Lealdade invisível. *Rev. Estudos de Psicologia*, 18(1): 5-11. 10.1590/S0103-166X2001000100001
- Boszormenyi-Nagy, I., & Spark, G. (1973/2008) *Lealdades invisíveis: Reciprocidade em terapia familiar intergeracional*. Amorrortu Editores.
- Brunschwig, H. (1997). La transmission transgénérationnelle: hommage d'une psychanalyste à la pensée systémique. *Journal de Pédiatrie et de Puériculture*, 10(4).  
[https://doi.org/10.1016/S0987-7983\(97\)80029-1](https://doi.org/10.1016/S0987-7983(97)80029-1)
- Correa, O. (2000). *Os avatares da transmissão psíquica geracional*. Escuta.
- Freud, S. (1996/1914). *Introdução ao Narcisismo: Uma introdução*. Imago.
- Garcia, E. (2001). *A problemática paterna na potencialidade polimorfa* (1ª ed, 152p). EDUNISC (Série Conhecimento. Teses e dissertações Santa Cruz do Sul: EDUNISC).
- Guattari, F., & Rolnik, S. (1986). *Micropolítica: Cartografias do desejo*. Vozes.
- Golse, B. (2003). Transmitir a transmissão: um ponto em comum entre as diferentes terapias conjuntas pais-criança. In B. Golse (Ed.). *Sobre a psicoterapia pais-bebê: narrativa, filiação e transmissão* (pp.59-78). Casa do Psicólogo.
- Granjon, E. (2000). A elaboração do tempo genealógico no espaço do tratamento da terapia familiar psicanalítica. In O. R. Correa (Eds.). *Os avatares da transmissão psíquica geracional* (pp. 17- 43). Escuta.
- Grizólio, T. C., Scorsolini-Comin, F., & Santos, M. A. (2015). A percepção da parentalidade de cônjuges engajados em casamentos de longa duração. *Revista Psicologia em Estudo*, 20(4): 663-674. <https://doi.org/10.4025/psicoestud.v20i4.29536>
- Hurstel, F. (2006). Autoridade e transmissão da “dívida de vida”: Uma função fundamental dos pais. *Epistemo-somática*, 3(2), 163-173.  
<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/epistemo/v3n2/v3n2a02.pdf>

- Jablonski, B. (2010). O cotidiano do casamento contemporâneo: A difícil e conflitiva divisão de tarefas e responsabilidades entre homens e mulheres. *Psicologia ciência e profissão*, 30(2): 262–275. <https://doi.org/10.1590/S1414-98932010000200004>
- Kaes, R. (2001). *Transmissão da vida psíquica entre gerações*. Casa do Psicólogo.
- Kaufmann, P. (1996). *Dicionário enciclopédico de psicanálise: o legado de Freud e Lacan*. Jorge Zahar.
- Kehl, M. (2011). Lugares do feminino e do masculino na família. In M. C. Comparato, & D. Monteiro (Org.). *A criança na contemporaneidade e a psicanálise família e sociedade: diálogos interdisciplinares* (pp. 29-38). Casa do psicólogo.
- Lima, M. G. R. (2013). *Filhos? Só depois. Um retrato da mulher contemporânea*. Editora Zagodoni.
- Lopes, M. N., Dellazzana-Zanon, L. L., & Boeckel, M. G. (2014). A multiplicidade de papéis da mulher contemporânea e a maternidade tardia. *Temas em Psicologia*, 22(4): 917-928. 10.9788/TP2014.4-18
- Melo, C. V., Magalhães, A. S., & Féres-Carneiro, T. (2014). Segredos de família: a contratransferência como recurso terapêutico. *Estilos Da Clínica*, 19(1): 163-182. 10.11606/issn.1981-1624.v19i1p163-182
- Miller, W. B., Severy, L., & Pasta, D. (2004). A framework for modelling fertility motivation in couples. *Population Studie*, 58(2): 193-205. <http://www.jstor.org/stable/4148229>
- Roudinesco, E. (2003) *A família em desordem*. Zahar.
- Varas, G. V., & Borsa, J. C. (2021). Predictor variables of childbearing motivations in Brazilian women and men. *Paidéia* 31, e31112. <https://doi.org/10.1590/1982-4327e3112>
- Walsh, F. (2002). Casais saudáveis e Casais disfuncionais: Qual é a diferença? In M. Andolfi (Eds.). *A crise do casal* (pp. 577-58). Artmed.
- Zornig, S. (2010). Tornar-se pai, tornar-se mãe: O processo de construção da parentalidade. *Tempo psicanalítico*, 42(2): 453-470. [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0101-48382010000200010&lng=pt&tlng=pt](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-48382010000200010&lng=pt&tlng=pt)

**Endereço para Correspondência**

E-mail: jaqueline.moraes27@hotmail.com

Rua Marquês de São Vicente, 225, Gávea, 22430-060, Rio de Janeiro, RJ, Brasil

Associada ABRATEF Rio de Janeiro